

## A Filosofia no Ensino Médio: alguns desafios

KAIRON PEREIRA DE ARAÚJO SOUSA\*

**Resumo:** Neste artigo, abordaremos alguns dos desafios relacionados ao ensino de filosofia no nível médio, a partir de sua inserção como disciplina obrigatória. Para tanto, iniciaremos com uma discussão a respeito da atuação docente em filosofia nesse contexto escolar, refletindo, com base em estudiosos do tema, como a práxis docente em filosofia efetuada por educadores sem formação na área contribuiu para o desinteresse do alunado em relação à disciplina, e dos desafios dos professores-filósofos no processo de reconstrução da utilidade da filosofia, motivando os estudantes ao envolvimento com esse saber. Em seguida, analisaremos a problemática do método no ensino de filosofia, através de duas concepções: a temática e a histórica. Finalizaremos o trabalho, mostrando que a carga horária reduzida da disciplina de filosofia no ensino médio compromete o seu desenvolvimento, dificultando a análise da maior parte do conteúdo proposto. O referido estudo foi realizado através de um levantamento da literatura em livros, teses, dissertações e artigos eletrônicos.

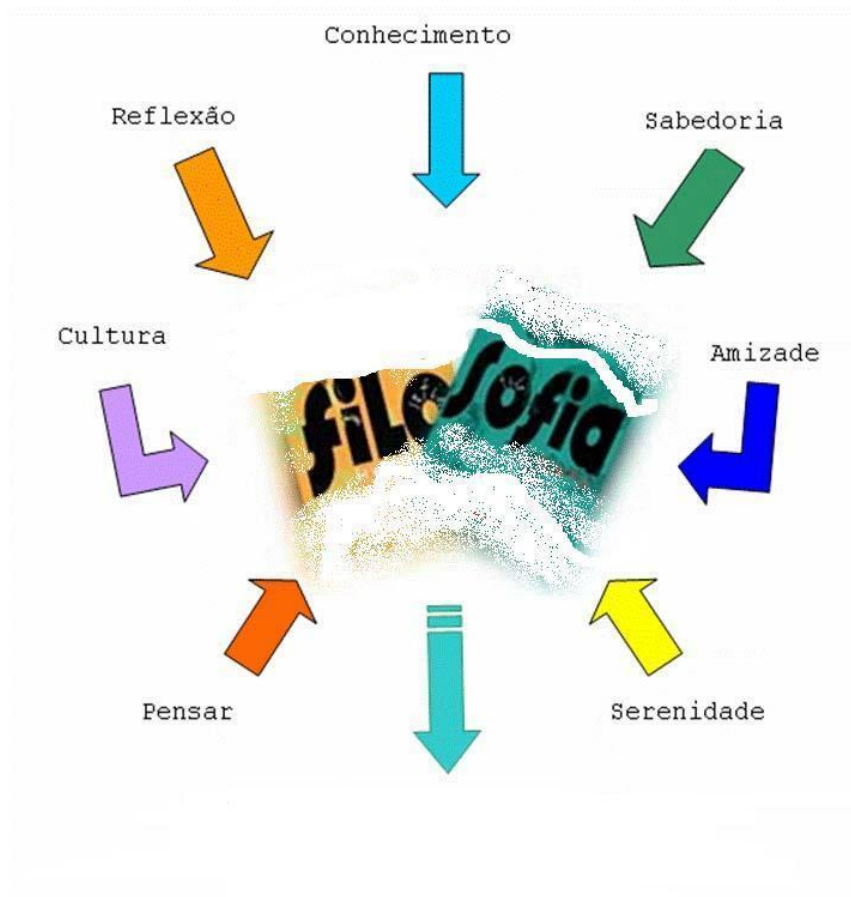
**Palavras-chave:** Docente; Ensino; Método; Carga Horária.

**Abstract:** In this article, we will address some of the challenges related to philosophy teaching at the intermediate level, from its insertion as a compulsory subject. To do so, we will start with a discussion about the docent performance in philosophy in this school context, reflecting, based on scholars of the theme, how the docent praxis in philosophy carried out by educators without training in the area contributed to the lack of interest of the student in relation to the discipline, And the challenges of teacher-philosophers in the process of reconstructing the usefulness of philosophy, motivating students to engage with this knowledge. Next, we will analyze the problem of method in the teaching of philosophy, through two conceptions: thematic and the historical. We will finish the work, showing that the reduced workload of the discipline of philosophy in high school compromises its development, making it difficult to analyze most of the content proposed. This study was carried out through a bibliographic survey in books, theses, dissertations and electronic articles.

**Key words:** Docent; Teaching; Method; Workload.



\* KAIRON PEREIRA DE ARAÚJO SOUSA é mestrando em Psicologia pelo PPGPsi/UFPI.



### 1. Introdução

A história do ensino de filosofia no ensino médio no Brasil foi marcada por progressos e retrocessos; ora tal saber era inserido ou anexado como disciplina, ora retirado de sua grade curricular.

Discorrendo sobre a questão da presença e ausência da filosofia no currículo da educação básica, Favaretto (2013) destaca que somente por volta das décadas de 1920 e 30, a filosofia começa a integrar os currículos escolares, de forma bastante tímida, sem constituir de fato uma disciplina, figurando apenas como conhecimento complementar, ora como lógica, história da filosofia, ou moral.

Na década de 60, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional equaciona uma base curricular para os cursos dos

então conhecidos cursos científicos e/ou clássicos (colegiais), mas como aponta Favaretto: “a filosofia, curiosamente, não aparece neste momento de 1961 como obrigatória; ela está no currículo, mas como disciplina optativa e continua a existir nas escolas que já a ministravam” (FAVARETTO, 2013, p. 27).

No início dos anos 70, como indica o autor supracitado, com a Lei nº 5.692/71, a filosofia é excluída do currículo escolar (FAVARETTO, 2013). Neste período, de acordo com Soares (2012, p. 23), “os dirigentes políticos impuseram um programa de modernização da economia alicerçado na repressão severa contra qualquer mobilização das oposições”. As práticas educativas tidas como formadoras de opinião pública foram estigmatizadas e suprimidas do currículo escolar da educação formal.

Nas palavras de Soares (2012, p. 24), “a abertura política ocorrida com o último presidente representante da República Militar, General João Batista Figueiredo, possibilitou aos defensores do ensino de Filosofia reivindicarem uma legislação a favor da Filosofia”. Entretanto, mesmo na fase inicial da democracia brasileira, o pensar filosófico, com recursos de ideologias, foi recolhido e afastado dos currículos do ensino médio.

Na década de 90, embora a LDB indicasse que ao término do ensino médio o estudante deveria demonstrar domínio das temáticas de Filosofia e Sociologia indispensáveis ao exercício de sua cidadania, observa-se que a filosofia ainda permanece ocupando um espaço secundário, mantendo-se no grupo dos temas transversais (SÁ JÚNIOR; BIELLA, 2012, p. 7).

Somente a partir de 2008, com a lei 11.684/08 que apresenta um inciso ao artigo 36 da LDB - nº. 9.394/96, a filosofia é incorporada ao ensino básico como uma disciplina obrigatória. Nesse contexto, conforme Tomazetti, “a afirmação da importância da tão esperada e conquistada presença obrigatória da Filosofia no currículo do Ensino Médio [...] **não encerra a questão**” (TOMAZETTI, 2012, p. 42, grifo nosso). Em outros termos, os desafios em relação ao ensino de filosofia não se esgotaram com essa conquista. Isso significa que se a preocupação, anteriormente, era a respeito da sua presença no currículo, agora as discussões ou problemáticas se voltam para o seu ensino no nível médio, ou seja: como ensinar a filosofia para os estudantes do ensino médio? Esta problemática, inevitavelmente, nos remete a outros pontos (desafios associados ao ensino da disciplina), como: a formação de docentes para atuarem no ensino médio (qual o perfil do professor de filosofia no ensino

médio?), a questão da metodologia (qual a metodologia mais apropriada ao ensino de filosofia no ensino médio?) e a carga horária da disciplina (como ensinar filosofia num contexto de carga horária reduzida?). Estas questões apresentadas, aqui, são relevantes quando pensamos a respeito da consolidação da disciplina no nível médio, para além de sua obrigatoriedade.

O presente trabalho, de abordagem qualitativa, utiliza a pesquisa da literatura como caminho para sua formulação, com a análise de textos, que abordam o ensino de filosofia no nível médio, em livros, teses, dissertações e artigos eletrônicos. Seu objetivo geral é refletir sobre os desafios relacionados ao ensino de filosofia no ensino médio, a partir da sua obrigatoriedade como disciplina escolar, apresentando como objetivos específicos: discutir a docência em filosofia no ensino médio, seus desafios e perspectivas; analisar a problemática do método no ensino de filosofia no nível médio; explicar como a carga horária reduzida da disciplina de filosofia no ensino médio prejudica o desenvolvimento do conteúdo proposto.

## **2. A docência em Filosofia no Ensino Médio: desafios e perspectivas**

Conforme Favaretto (2013), na década de 60, o ensino de filosofia nas escolas públicas e privadas era efetuado por professores provenientes das mais variadas áreas, com poucos educadores com formação filosófica ministrando aula. Assim, de acordo com o autor referenciado, era comum:

[...] médicos, sacerdotes, engenheiros, enfim, qualquer pessoa que pudesse cobrir aquela falta, que se considerasse ter conhecimentos e que pensasse; no interior era muitas vezes o delegado de polícia, o juiz, o médico ou o sacerdote, e muitas vezes até o sargento do tiro de guerra

[...] quem dava aula de filosofia (FAVARETTO, 2013, p. 27).

Tendo como base esta concepção, não era necessário ter formação em filosofia para ensinar a disciplina. Deste modo, qualquer professor com título de nível superior ou que demonstrasse familiaridade com a disciplina de filosofia poderia exercer tal ofício, o que constituía um fator negativo para o reconhecimento do saber filosófico. A situação, como aponta Favaretto (2013), manteve-se durante muito tempo, e ainda hoje é grande o número de professores de outras áreas ministrando a disciplina de filosofia, mesmo não apresentando formação nesta especificidade do saber.

Em pesquisa realizada com educadores no município de Barbacena (MG), Soares (2012) verificou que no período da sondagem, dos dezoitos educadores que responderam ao questionário da pesquisa e que ensinavam a disciplina, sete possuíam formação acadêmica em outras áreas do conhecimento, não tendo, portanto, formação universitária em filosofia. Por este motivo, ele afirma: “se para muitos professores graduados em Filosofia ensiná-la não é fácil, imaginemos para os docentes oriundos de outras áreas do conhecimento” (SOARES, 2012, p. 59).

Esta situação pode ser reflexo de um longo período de oscilação entre a presença e ausência da filosofia no ensino médio, onde este saber não apresentava um espaço consolidado no rol de disciplinas do currículo escolar, portanto, não existia uma preocupação por parte dos sistemas de ensino com relação à contratação ou mesmo efetivação de educadores com formação específica para ministrar aula de filosofia.

A atuação desqualificada e alienante de docentes nas escolas do ensino médio no país, recorrente ao longo dos anos, foi um

dos fatores que corroborou para o desinteresse por parte dos alunos em relação a disciplina (BARBOSA, 2005). Por esta razão, a posição pouco privilegiada da filosofia foi reforçada por práticas docentes desconexas, exercidas por docentes não habilitados tecnicamente para o ofício, que em certos casos, encontravam-se tão perdidos na disciplina quanto os alunos (BARBOSA, 2005).

Essas atuações improvisadas, corriqueiras e distantes contribuíram para a visão da filosofia como uma disciplina sem importância prática e/ou mesmo teórica no processo formativo dos estudantes do ensino médio.

Refletindo sobre o tema, Mattar, Tomazetti e Danelon (2013) pontuam que este é um dos dilemas em relação ao ensino de filosofia no ensino médio que precisamos resolver, ou seja, de professores não graduados em filosofia atuando como docentes na disciplina no ensino médio. Ademais, como ainda destacam os autores, esta é uma das situações que se não for resolvida, pode comprometer a consolidação da filosofia no ensino médio, podendo até mesmo, implicar novamente no afastamento da filosofia do currículo escolar (MATTAR; TOMAZETTI; DANELON, 2013).

O que se nota, nas observações dos pesquisadores supracitados, é uma preocupação em relação à estabilidade da filosofia no ensino médio, levando-se em consideração o aspecto da docência efetuada por professores com pouco ou nenhuma habilidade no manejo da disciplina, fator que requer uma intervenção de modo a evitar-se uma fragilização do seu ensino nas escolas secundárias.

A inclusão da filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio e, atualmente, em concursos de vestibulares

(como, por exemplo, o ENEM), demanda uma reestruturação da própria atuação docente, com profissionais com formação acadêmica de qualidade, o que é fundamental para fazer da filosofia uma disciplina mais envolvente, conduzindo o aluno à participação e entrega ao seu saber libertador e questionador. Em outros termos, significa levarmos às nossas escolas professores com uma boa formação filosófica, de modo a desconstruirmos a falta de interesse do alunado com a disciplina.

Atualmente, diversas instituições de ensino superior no país (como por exemplo, a UFSC – na região Sul – e a UFPI – no Nordeste), como forma de enfrentar o *déficit* de profissionais com formação em filosofia para ocupar as vagas ofertadas pelos sistemas de ensino público e privado, têm investido na formação de docentes para atuarem no ensino médio.

O desafio diz respeito não apenas em formar professores com repertório erudito e acadêmico filosófico-conceitual, mas em prepará-los para a docência no ensino médio. O que implica em mudanças no modo de formação desses educadores nas licenciaturas em filosofia, com a superação de paradigmas focados na mera exposição docente e escuta dos educandos, ou na memorização de informações (MATTAR; TOMAZETTI; DANELON, 2013).

Quanto ao perfil do profissional da filosofia atuante no ensino médio, Carvalho e Cabral afirmam:

Com essa perspectiva esperada do ensino de filosofia, exige-se do profissional que tem hoje a tarefa de ensinar a filosofia um perfil no qual

esteja incluído o domínio do instrumental filosófico da tradição — obtido no estudo sistemático da história e dos problemas da filosofia — com rigor, criticidade, independência intelectual e portador de um comportamento ético consciente e crítico da moralidade e da ordem política existente. Um profissional, pelo menos no nível mais alto, com capacidade de acesso à maior parte da bibliografia especializada na busca de solução para as questões filosóficas centrais que o tempo histórico exige. Um profissional capaz de lidar com o cientificismo, bem como de dar conta criticamente do mundo tecnológico em que estamos inseridos e das vertiginosas transformações que ele produz, de um lado, e do mundo social arcaico e atrasado em que ainda vivemos no Brasil e em alguns outros países, de outro lado (CARVALHO; CABRAL, 2011, ps. 93-94).

Além destes desafios descritos acima (como o manejo do instrumental filosófico da tradição e sua contextualização com a realidade vigente, pautados em uma postura crítica, ética e consciente da realidade), deve-se destacar também que os docentes com formação em filosofia, ainda devem lidar com a tarefa de desconstruir os mitos e estigmas em relação ao saber filosófico cristalizados ao longo do seu itinerário no nível médio (ocasionados, sobretudo, em função da atuação de docentes de outras áreas como ministrantes da disciplina, lecionando a matéria de forma improvisada, às vezes, sem nenhuma referência clara ao conjunto teórico da filosofia), resgatando sua grandeza e utilidade enquanto conhecimento problematizador e fundamento<sup>1</sup> das

<sup>1</sup> Entende-se a filosofia como fundamento das demais disciplinas, no sentido de que a filosofia não tem um objeto específico de estudo, ou seja,

“todos os objetos de algum modo lhe pertencem” (DEINA, 2007, p. 13). Os problemas levantados dentro do campo das ciências (geografia,



demais disciplinas. Destarte, outro desafio marcante que o educador da filosofia precisa enfrentar é em relação aos próprios estudantes. Tomazetti destaca que temos que considerar que o aluno, em muitos casos, “não chega com o capital cultural esperado e julgado adequado” (TOMAZETTI, 2012, p.43). Essa situação dificulta ainda mais a tarefa do professor de filosofia, pois a abordagem de temas abstratos e de natureza cultural letrada, com alunos de repertório acadêmico empobrecido, representa um obstáculo que o professor tem que superar. O que, todavia, não é algo simples de se fazer.

Então, o educador vê-se diante do seguinte desafio: como motivar o alunado à participação na aula de filosofia? Uma das primeiras estratégias para esse problema é fazer com que o estudante se sinta participante do processo educativo. Deste modo, o educador tem papel fundamental para que eles se sintam motivados.

Aspis (2004) indica que o educador é um modelo, e para possibilitar uma experiência filosófica com os estudantes, deve ele mesmo renunciar ser o proprietário das verdades, desenvolvendo uma educação para autonomia. Assim, “ele tem o papel de orientar um grupo que estuda e investiga junto e tem o papel de provocar os alunos para que tenham ideias” (ASPIS, 2004, p. 315). Portanto, para motivarmos os alunos à participação em uma disciplina vista como especulativa, é preciso que as aulas de filosofia, segundo ela, sejam um espaço para a criação. De que? De ideias, pensamentos ou novos conceitos.

Quanto à questão, Kohan aponta que “é nessa perspectiva que podemos pensar a aula de filosofia como uma oficina de

pensamento” (KOHAN, 2013, p. 78), na qual a filosofia é desenvolvida como um ofício do pensar, pois, “numa oficina, o pensamento se abre a outros pensamentos”. Destarte, “numa oficina de pensamento [...], todos se envolvem, participam de sua feitura, proporcionam textos, ideias, perguntas, sugerem temas a serem incorporados” (KOHAN, 2013, p. 79).

Esses educadores possuem como público estudantes do ensino médio que, normalmente, são jovens adolescentes em plena fase da busca de significações sobre o mundo e sua realidade. Vivenciando um período de inquietação, de necessidade de questionar as coisas e encontrar respostas para elas. Momento propício, onde é possível trabalhar a capacidade de argumentação, de crítica, interpretação e análise dos textos filosóficos, aguçando suas curiosidades e redirecionando suas energias em atividades que lhes permitam crescimento individual e coletivo. Como argumenta Aspis:

As inquietações dos jovens pela busca de compreensão, de significado e valor da realidade são genuínas e precisam de respeito para serem de alguma forma apaziguadas pelas respostas complexas encontradas, por mais provisórias que sejam. [...] Não há razão para pensarmos o ensino de filosofia se não for da filosofia viva e vivificante que pode ser construída a partir das aflições tão humanas [...] (ASPIS, 2004, p. 309).

Entretanto, essa tarefa árdua só pode ser efetuada por alguém com habilidades teórico-prático-pedagógicas, capaz de manejar com eficiência seu instrumento de trabalho: a filosofia. Nesse ponto, Alves defende que: “é preciso que o

---

biologia, química, etc.) não deixam de ser filosóficos, isto é, são fonte de reflexão da

filosofia que tem uma base conceitual para abordá-los.

professor de filosofia se perceba primeiramente como filósofo, apaixonese pela filosofia, seja atuante, para assim, fazer com que seus alunos também gostem da disciplina e sintam também vontade de filosofar” (ALVES, 2011, p. 222).

Diante do encantamento e incômodo perante a ordem vigente da vida, a filosofia surge trazendo uma nova maneira de se contemplar e desvendar a realidade destes alunos, elaborando conceitos e critérios que os permite sair, como já dizia Platão (1985), do mundo das sombras, ou seja, da caverna. Sendo assim, o ensino da filosofia exige empenho, conhecimento e habilidades necessárias, devendo ser realizado com qualidade e por profissionais com formação acadêmica adequada, “com seriedade o bastante para não fazer dela uma brincadeira ou uma recreação” (ALVES, 2011, p. 219).

Cabe ao educador da filosofia atuar de forma a contribuir para o reconhecimento da disciplina, de modo que ela não seja vista apenas como mais uma disciplina inserida no currículo escolar, mas como um campo conceitual relevante na formação dos jovens estudantes. Isto, entretanto, perpassa por um ensino conduzido de forma responsável, ou seja, se pretendemos uma valorização maior do ensino de filosofia no ensino médio, não tem como ficar brincando de dar aula de filosofia.

### 3. Sobre o método

A palavra método na sua etimologia deriva dos termos gregos *metá*, que significa “por meio de”, e *hodós*, “caminho”. Método, portanto, é o caminho pelo qual se atinge algum objetivo ou meta. Nesse sentido, em termos escolares, o método é o recurso pelo qual se objetiva alcançar o fim

educacional: a aprendizagem ou conhecimento dos estudantes.

Com a reintrodução da disciplina de filosofia no ensino médio, uma das questões que tem sido motivo de discussões, quando se analisa a possibilidade de seu ensino neste contexto escolar, refere-se a metodologia. Qual metodologia seguir? Deve-se partir das temáticas específicas ou da história da filosofia?

Quanto a esta problemática, existe um debate acalorado entre os pesquisadores e professores da educação básica. Alguns preferem trabalhar os conteúdos da disciplina partindo da reflexão sobre determinadas temáticas. Outros, em contrapartida, utilizam a história da filosofia, como principal procedimento didático.

No que diz respeito a metodologia empregada no ensino de filosofia no país, predominou, durante muito tempo nas universidades, o método estruturalista, tendo como prioridade a análise e interpretação dos textos clássicos, em muitos casos, sem uma nítida relação com os dilemas sociais. Tratava-se de uma releitura de obras de pensadores da história da filosofia.

Refletindo sobre isso, Guido, Gallo e Kohan (2013) apontam que, nesta fase, o ensino da filosofia encontra-se voltado para o curso superior, de modo que, não existia uma preocupação com o ensino de filosofia no nível secundário, ou seja, a história da filosofia como rigor metodológico, sem o qual não se poderia pensar a atividade filosófica, era parte da academia, cujo foco estava na preparação para a pesquisa.

Contudo, como observam os autores, a utilização desta metodologia com um público do ensino médio com peculiaridades e faixa etária distintas, é algo incompatível, sobretudo, uma vez

que esta modalidade de rigor é algo válido para aqueles que pretendem seguir carreira no curso de filosofia, e não para estudantes, que em certos casos, não desejam cursá-la (GUIDO; GALLO; KOHAN, 2013).

Diante deste exposto, fica evidente que o ensino médio representa uma realidade diferente do contexto acadêmico, e desta maneira, implica na seleção e utilização de procedimentos didáticos ou metodológicos mais apropriados a este âmbito escolar, capazes de fomentar no estudante o interesse com a disciplina.

Neste contexto, embora, alguns filósofos e pesquisadores da filosofia, como Hegel (1989) e Alves (2012), afirmem não poder existir ensino da filosofia sem a recorrência à sua história. Apresentar somente o enfoque historiográfico pode ser algo comprometedor à natureza ou essência da filosofia, pois, como argumenta Aspís:

Não podemos aceitar que se chame conteúdo filosófico o conjunto de ideias de um determinado pensador. Não podemos aceitar que o professor selecione este que chama de conteúdo para levar os alunos a determinadas conclusões. O conteúdo, quando imaginado como ferramenta, passa a ser doutrina, teoria escolhida para leitura do real (ASPIS, 2004, p. 317).

Com isso, não se deve entender que o ensino da história da filosofia, práxis realizada tanto na universidade quanto no ensino médio, seja um modelo desvalorizado. Entretanto, se desejamos um ensino de filosofia mais provocador, é interessante superarmos a repetição, educando “para o pensamento original” (ASPIS, 2004, p. 313).

Por isso, para Aspís (2004), ensinar a filosofia no ensino médio, é ensinar o aluno a pensar, a refletir, a problematizar. Ora, o ensino de filosofia não pode ser

pensado como apenas uma transmissão automática de conteúdo a ser memorizado. Sua tarefa consiste em estimular o exercício da racionalidade. Vejamos o que nos diz Kohan: “não há ensino filosófico na mera transmissão dos conteúdos de uma tradição, na comunicação dos problemas e conceitos criados pelos filósofos, com todo o interesse e importância que essas práticas possam ter” (KOHAN, 2013, p. 78). Nesse prisma, ensinar filosofia no ensino médio significa instigar a curiosidade e a inquietação dos alunos, criando situações desafiadoras que os convidem a pensar e desenvolver soluções para elas.

É com base nesta argumentação, que alguns teóricos do ensino de filosofia no ensino médio e educadores preferam a abordagem a partir de temáticas específicas. Neste ponto, Rodon destaca que um recurso para adequar os conteúdos, teorias e problemáticas filosóficas, envolvendo os alunos com a disciplina, seria “começar com a escolha de temas sugeridos pelos alunos, mediados pelos programas estabelecidos pela escola e/ou professor responsável” (RODON, 2013, p. 68).

Sobre a questão, Carvalho e Cabral afirmam que: “o elemento vivido pelo alunado pode ser o portal de acesso às problemáticas filosóficas específicas, não uma desculpa para fugir ao trabalho do conceito, do uso das ferramentas filosóficas” (CARVALHO; CABRAL, 2011, p. 94).

O que os autores acima defendem é que mesmo tomando como base para o ensino de filosofia, determinadas temáticas, não há possibilidade de discuti-las sem a recorrência ao conceito, ou seja, a tradição.

Nesse sentido, o ensino da filosofia teria como ponto de partida a reflexão da própria realidade do alunado, ou seja, das



problemáticas vivenciadas no cotidiano que o desafiam e para as quais a filosofia tem um olhar conceitual que o auxilia a enfrentá-las. Se considerarmos estas sugestões, então, os aportes teóricos mais trabalhados seriam aqueles que se relacionam com os dilemas vigentes durante o período da disciplina, ou seja, das problemáticas que emergem na sociedade e/ou no cotidiano e que incomodam o estudante, motivando-o a reflexão e busca de explicações para elas.

Em relação ao método no ensino de filosofia, existe um item das OCN-Filosofia que trata do assunto. Entretanto, não se observa uma definição a respeito de qual seria o método mais apropriado ao seu ensino com estudantes do nível médio. Todavia, nota-se uma preocupação no que se refere à aquisição de habilidades do saber filosófico por essa clientela, principalmente, ao se abordar a necessidade de que a aprendizagem da filosofia ocorra de forma significativa, com associação do conteúdo com a realidade dos educandos e sua interrelação com as demais disciplinas (MATTAR; TOMAZETTI; DANELON, 2013).

Por esta forma, o emprego do método no ensino da disciplina parece estar mais relacionado à concepção de mundo de cada educador, isto é, ele possui liberdade para a escolha e o uso da metodologia que mais se adequa à proposta de ensino que pretende adotar em sala de aula. O cuidado que professor precisa ter é para não tornar o ensino de filosofia meramente memorístico, através de uma releitura do passado sem nenhum vínculo com o momento histórico vivenciado pelos educandos; do mesmo modo, deve-se estar atento também para não fazer do ensino de filosofia uma problematização vazia de temáticas, esquecendo-se da referência ao conceito já produzido por diferentes

teóricos, o qual é fundamental como ponto inicial de formação de novos conceitos.

#### 4. O problema da carga horária no ensino de filosofia

Quando se debate sobre: como ensinar filosofia no ensino médio? Uma preocupação em torno da questão é em relação à carga horária facultada ao ensino da disciplina no ensino médio. Então, emerge o seguinte problema: como ensinar filosofia em um contexto escolar com carga horária reduzida?

Este é um dos dilemas que mais atormentam os educadores da filosofia, uma vez que o ensino eficiente da disciplina está intrinsecamente relacionado à disponibilização de carga horária suficiente para que o educador consiga trabalhá-la com os estudantes. Ora, para se alcançar os propósitos educacionais inerentes à filosofia no ensino médio, como postula os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da disciplina -preparação para a cidadania, e as competências e habilidades, dentre elas, as de **Representação e Comunicação**: “a leitura de textos filosóficos de modo significativo” (PCN, 1999, p. 340), **Investigação e compreensão**: “Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais” (PCN, 1999, p. 340), e **Contextualização sociocultural**: “Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sociopolítico, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica” (PCN, 1999, p. 340) –, é preciso que o professor disponha de um espaço de tempo maior para o treinamento destas habilidades indispensáveis ao exercício da filosofia e

a conquista das competências supracitadas.

Conforme Deina (2007), a organização curricular do ensino médio acaba impondo limites ao ensino da filosofia, pois no currículo instituído, as horas-aula são distribuídas para cada disciplina, algumas com carga horária maior do que as demais. Assim, com um quadro amontoado de disciplinas no ensino médio, a solução encontrada, parece ter sido a redução da carga horária de determinadas matérias, como é o caso da filosofia.

Em pesquisa na cidade de Barbacena-MG, Soares (2012) observou que muitas escolas do município, no período, disponibilizavam apenas uma aula por semana para a disciplina, o que corresponde ao mínimo estabelecido pela legislação. Sendo assim, assinala que:

Na medida em que o professor de Filosofia encontra-se com cada turma do ensino médio somente uma vez na semana produz dificuldades no desenvolvimento dos conteúdos estudados, porque alguns assuntos para serem efetivamente compreendidos pelos alunos demandam tempo suficiente para que os discentes percebam como o conceito foi construído ao longo da História da Filosofia ou no transcorrer da vida de um filósofo (SOARES, 2012, p. 62).

Nessa linha, Deina argumenta que:

Mesmo que a filosofia fosse a área do conhecimento contemplada com a maior carga-horária, dentre todas as disciplinas do currículo, ainda assim seu ensino seria limitado: é simplesmente impossível, por exemplo, abarcar todos os seus grandes temas, contemplando a sua historicidade [...] (DEINA, 2007, p. 13).

Considerando o exposto, como ensinar para os estudantes a filosofia? Como

trabalhar com esse público os conteúdos e/ou conceitos complexos da filosofia? Ora, se para avançar na disciplina é fundamental que os alunos tenham compreendido o assunto anterior, então, o professor não conseguirá desenvolver todos os conteúdos propostos nos livros didáticos, “principalmente, se o docente tiver a preocupação de deixar o conceito somente quando os discentes sabem o suficiente para que outro conceito seja trabalhado” (SOARES, 2012, p. 63).

Assim, são relevantes as palavras de Soares quando afirma que: “nas escolas onde esse processo ocorre torna-se um desafio para o docente lidar com um ambiente onde ele e sua disciplina são vistos como intrusos” (SOARES, 2012, p. 62).

De fato, a carga horária reduzida da disciplina é um fator preocupante que dificulta a realização da aula pelo professor, não muito raro, implicando em desmotivação por parte do docente, que presencia uma situação de desvalorização da sua disciplina, caracterizada por uma carga horária insatisfatória que compromete o trabalho filosófico com os estudantes do ensino médio.

### **Considerações finais**

Ensinar filosofia no ensino médio não é uma tarefa fácil, a consideramos a própria natureza do conhecimento filosófico, enquanto disciplina intelectual com suas particularidades distintas de outros campos do saber, praticada a partir de um esforço racional que demanda atenção, capacidade de leitura e interpretação. Habilidades a serem desenvolvidas com jovens adolescentes, que ainda não as possuem, e que em certos casos, não foram condicionados a dedicarem tempo à leitura de textos didáticos: e o que dizer dos filósofos? E a filosofia, insere-se

justamente nesse contexto desafiante, com toda sua riqueza cultural formulada ao longo dos anos, com o objetivo de contribuir para a formação crítica e cidadã desses estudantes, em meio a um ambiente fortemente caracterizado pelo pragmatismo e cientificismo, devendo afirmar sua importância.

O ensino de filosofia foi comprometido, durante certo tempo, pelo fato de estar sendo efetuado por educadores sem formação na disciplina. Entendemos que a filosofia no ensino médio deve ser praticada por educadores com formação acadêmica na disciplina, porque, somente estes têm condições de manejar adequadamente os conteúdos e abordá-los com mais precisão com educandos do ensino médio, fomentando a criticidade, debates e o pensamento autônomo do alunado. Ademais, o professor graduado em filosofia, tem mais condições de conduzir o estudante à busca da maioria intelectual, auxiliando-o a problematizar a realidade com mais criticidade, e a superar as superficialidades presentes no contexto social (ideologias, etc.).

Contudo, ao se ensinar a filosofia, o educador, conhecedor da sua realidade de trabalho, deve estar inteiramente atento às necessidades da turma. Em determinadas circunstâncias, o ensino meramente histórico da filosofia pode não ser algo que seduza os estudantes. Dito de outro modo, o aluno pode encontrar dificuldades para criar associações com as teorias, levando-o ao desinteresse com a disciplina

Sobre o método no ensino de filosofia, sabe-se que ele é fundamental, uma vez que não tem como se ensinar a disciplina, sem ter um caminho ou direção a se seguir, contudo, não existe um método específico ou único, postulado como receita para o sucesso no ensino de filosofia no ensino médio. Em outras

palavras, não há um método filosófico geral capaz de abarcar com precisão a dinamicidade do contexto de sala de aula. Sendo assim, não podemos afirmar uma metodologia, mas uma pluralidade de metodologias no que se refere o ensino de filosofia. Deste modo, compreende-se que o docente pode assumir uma postura de flexibilidade em relação ao método empregado para o ensino da disciplina, recorrendo, dentre a variedade de metodologias possíveis, àquela que mais se ajusta às necessidades diárias da turma. Todavia, sabe-se que é impossível o ensino de filosofia sem a recorrência à referência histórica. Então, mesmo que o educador opte por iniciar o conteúdo pela discussão de temáticas, inevitavelmente, ele terá que buscar a base na história da filosofia.

Dos problemas referentes ao ensino de filosofia no ensino médio, a carga horária reduzida da disciplina representa o maior empecilho. Esta situação acaba comprometendo a análise e discussão detalhada de todos os conteúdos propostos. De modo que os educadores dispõem de um tempo mínimo para desenvolver uma reflexão sobre uma determinada temática, sendo impossível abordar, durante o ano letivo, a maior parte do conteúdo da disciplina.

Tem-se, aqui, um fator relevante quando se defende a valorização da disciplina no ensino médio (a carga horária), já que para a implementação do conhecimento que a filosofia tem a oferecer aos atores deste contexto escolar, a disciplina precisa ser contemplada com uma carga horária mais ampla (uma ou duas aulas semanais são insuficientes). Diante disso, defendemos a ampliação da carga horária da disciplina no ensino médio, de modo que os educadores tenham melhores condições de ministrar a disciplina, sem ter que recorrer a manobras, quase que sobrenaturais.

**Referências**

- ALVES, D. D. P. Filosofia sem filósofos: análise de conceitos como método e conteúdo para o ensino médio. In: JÚNIOR, L. A. S.; BIELA, J. (Org.). **Filosofia no ensino médio: desafios e perspectivas**. Natal, RN: EDUFRN, 2012. p. 67-86.
- ALVES, L. C. R. PCN's e ensino de filosofia na escola pública: desafios e perspectivas. **Intuitio**, v.4, n. 2, p. 215-223, novembro, 2011.
- ASPIS, R. P. L. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez, 2004.
- BARBOSA, C. L. A. **A filosofia no ensino médio e suas representações sociais**. Niterói. 181 p. Tese (Doutorado em educação-área Cotidiano Escolar) – Universidade Federal Fluminense, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília – DF.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Semtec/MEC, 1999. p. 327-349.
- BRASIL. **Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008**. Torna obrigatório o Ensino das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio. Brasília – DF.
- CARVALHO, H. B. A.; CABRAL, C. L. O. A filosofia no ensino básico: diagnóstico e perspectivas nas escolas urbanas de Teresina (PI). **Cadernos do pet filosofia**, v. 2, n.4, p. 91-113, jul.-dez, 2011.
- DEINA, W. J. **Filosofia no Ensino Médio e o Problema da Formação Política: uma discussão sob a perspectiva da Teoria Crítica**. São Paulo. 172 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de educação - Universidade de São Paulo, 2007.
- FAVARETTO, C. A filosofia e o seu ensino. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). **Ensinar filosofia**: volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. p. 19-36.
- GUIDO, H.; GALLO, S.; KOHAN, W. O. Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas e problemas. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). **Ensinar filosofia**: volume 1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. p. 113-153.
- HEGEL, G. W. F. **Introdução à história da filosofia**. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. In: \_\_\_\_\_. Hegel. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 81-158. (Coleção Os Pensadores, v. 2).
- SÁ JÚNIOR, L. A.; BIELA, J. Apresentação. Natal, RN: EDUFRN, 2012. p. 7-15. In: **Filosofia no ensino médio: desafios e perspectivas**.
- KOHAN, W. Como ensinar que é preciso aprender? Filosofia: uma oficina de pensamento. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). **Ensinar filosofia**: volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. p. 74-83.
- MATTAR, A. M.; TOMAZETTI, E. M.; DANELON, M. Filosofia como disciplina escolar. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). **Ensinar filosofia**: volume 1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. p. 113-153.
- PLATÃO. **A república (livro VII)**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985. p.46-51.
- RONDON, Roberto. Entre o universalismo da tradição filosófica e a diversidade local nas escolas e seus sujeitos. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). **Ensinar filosofia**: volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. p. 60-72.
- SOARES, W. L. O. **Um estudo sobre os desafios de ensinar filosofia nas escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG**. São João Del Rei. 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação - Universidade Federal de São João Del Rei, 2012.
- TOMAZETTI, E. M. Filosofia como disciplina: entre a instituição, a vigilância e o pensar filosófico. In: JÚNIOR, L. A. S.; BIELA, J. (Org.). **Filosofia no ensino médio: desafios e perspectivas**. Natal, RN: EDUFRN, 2012. p. 37-49.

Recebido em 2016-11-12

Publicado em 2017-08-04